



PAINEL CIENTÍFICO DE ACOMPANHAMENTO DA CRISE

Contribuição do sociólogo e poeta Sr. Fidel Viteri Tamayo ao

III Painel Científico de Acompanhamento da Crise

29 de maio de 2020

Cultura e pós-pandemia: observações básicas necessárias para uma nova normalidade

A pandemia nos convida a repensar o mundo, mas, nesse repensar, surge uma questão importante: o que é normalidade? Para Foucault (2008), a normalidade afirma que é isso que nos cerca à medida que o apreciamos como algo natural para nossos a percepção do mundo, seja individual ou coletiva, mas exatamente onde foi colocada em xeque, o que nos rodeia agora são quatro paredes, para um grande número de atores, no entanto, e dada a desigualdade capitalista, que levou que 1% da população mais rica tem a mesma quantidade que os 60% mais pobres da população mundial. É lógico pensar que, nessas circunstâncias, somadas às novas formas de produção, além das relações sociais de produção, sendo vistas no auge, gerando uma crise orgânica de capital, uma vez que a pandemia demonstrou à humanidade que as formas de produção mudam, assim como a maneira de ver o outro, ou nos condenamos à morte, como uma sociedade. Acima de tudo, a realidade do capital, mesmo diante da própria vida humana, foi colocada em xeque.

É imperativo que o processo de pensar o mundo, não mais da lógica da modernidade capitalista com uma lógica produtivista, na qual o homem domine a natureza, pare, a natureza nos dê um tapa na cara e, no entanto, do poder e da mídia, pedem que seja apenas uma questão de sair da quarentena e retornar à reprodução da vida cotidiana antes da pandemia, fortalecendo o sistema financeiro e, ao mesmo tempo, continuando gerando uma exploração excessiva dos recursos

naturais, mas o desconhecido que se abre à medida que os dias passam, com mais de dois bilhões de pessoas em confinamento, fazendo a socialização acontecer virtualmente, fazendo contato humano com o círculo família íntima, que as pessoas que vivem sozinhas entram em períodos de doença mental, que pensamos se haverá uma saída para a situação de pandemia. E, sim, o problema em si não é a primeira quarentena obrigatória, a abertura ou não das atividades de trabalho, fora da saúde e do suprimento de alimentos, uma vez que em cada país os setores estratégicos para evitar o colapso econômico variam de acordo com sua forças produtivas e seu desenvolvimento tecnológico e manufatureiro; mas virá mais tarde, já foi anunciado pela Organização Mundial da Saúde e por vários epidemiologistas que eles viverão em um período de entrada e saída dos confinamentos, como se fosse um dimmer¹ e não um interruptor da luz, porque até recebermos uma vacina ou, na sua falta, um tratamento curativo contra o Sars-Cov2, não alcançaremos o que o mundo conhecia como “normalidade” até fevereiro de 2020.

Assim, surge também do subterfúgio dessa ruptura à lógica produtivista capitalista moderna, que repensa nossa vida cotidiana, nossa própria existência, a existência festiva gradualmente se tornou uma fuga da escravidão do “teletrabalho”, da “tele-educação”, das recomendações para continuar produzindo o tempo todo em que você está trancado e, no final, não produz nada. A existência festiva de que Echeverría (2010) não fala, não leva a uma abordagem de como duas lógicas se colocam entre as ditas novamente.

Por outro lado, deve-se levar em consideração que, como as relações sociais de produção, ou em termos mais vagos, as relações de trabalho serão rompidas diante da pandemia. A pandemia da peste negra na Europa, Ásia e norte da África, no século XIV, que causou a morte de um terço dos habitantes da Europa, gerou uma mudança na tecnologia, para que possamos ver como o surgimento das primeiras manifestações, máquinas têxteis e o aumento de moinhos para diversos usos (Zulaica, 2020) fizeram com que o desenvolvimento das forças produtivas, devido à falta de mão de obra,

1 Um dimmer ou redutor, também conhecido como comutador, é um pequeno dispositivo cuja missão é regular e manipular a intensidade da luz emitida por uma lâmpada, bulbo ou um grupo deles, independentemente do seu número. Onde a intensidade da luz será os períodos de isolamento total da população e outros, os períodos fracos de luz serão os de separação, mas a luz não será desligada ou retornará à rotina diária realizada até fevereiro de 2020.

aumentasse a produção enquanto esse mesmo desenvolvimento tecnológico produziu a primeira revolução industrial, e o surgimento de um novo sistema econômico e social, que conseguiu se espalhar por todo o planeta, e os atores culturais começam a gerar novas formas de apropriação da realidade, a vida cotidiana muda, emergindo o movimento de renascimento, que estabelece uma nova base para onde apropriar novas realidades, vemos obras de arte transcender o tempo e fornecer novas lógicas para a reprodução da vida social. Os encontros em lugares previamente proibidos pela sociedade do pecado, tornam-se espaços cotidianos de troca simbólica entre atores sociais, o proibido é levado para outros espaços da vida cotidiana, a cultura da noite começa a emergir dos bairros e dos lupanares das cidades muradas; embora as muralhas da cidade também comecem a se abrir para a novidade.

Assim, a cultura adota uma nova maneira de se enxergar, agora no século XXI, com uma nova pandemia, que, segundo estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS), pode ser controlada em dois a três anos, se alcançada. para encontrar uma vacina, caso contrário, iríamos para uma nova vida diária entre isolamento e aberturas sociais, devemos nos perguntar aqui: Qual será a lógica que domina o próximo cenário, pós-quarentena e pós-pandemia? Então você também deve se perguntar: que fatores culturais mudarão em torno da nova vida diária que nos dá um tapa na cara todos os dias?

Para responder à primeira pergunta, é necessário ver como a mídia de massa, as redes sociais e as conversas familiares (esta última deve ser destacada, pois é uma das poucas relações sociais físicas mantidas durante o período de quarentena) perspectivas, nos noticiários de todo o mundo, até o dia em que essas palavras foram escritas, vários países passaram do isolamento social para processos de distanciamento social², onde um dos principais espaços de construção cultural, bares, cafés e restaurantes é afetado; que sua renda é afetada pela contração econômica global, também se estima, por exemplo, que no país, segundo várias organizações de bares e restaurantes, entre 60 e 80% das lojas dedicadas a essa dinâmica foram fechadas, ao mesmo tempo em que os shows artísticos maciços também entrarão em recessão, significando perda de empregos e redução do

2 Categorias utilizadas pela OMS para definir quarentena obrigatória como isolamento social e abertura com medidas de biossegurança como distanciamento social

poder de compra de atores culturais, principalmente artistas; ao mesmo tempo em que reduz os espaços de trocas simbólicas ligadas à cultura, afetando diretamente os encontros entre atores culturais e sua apropriação do mundo para expor criações artísticas.

Por outro lado, temos redes sociais e seus atores propondo que, durante as etapas do isolamento social, com a famosa hashtag “fique em casa”, você produza o que puder, dando “conselhos” sobre como lidar com esta crise de saúde global econômica, sem levar em conta as circunstâncias particulares da grande maioria da população pela qual eles falam; assim, nas conversas familiares, reflete-se a capacidade de satisfazer necessidades básicas, o que sugere uma maneira imperiosa de retornar a uma lógica. Produtivista, deixando a existência festiva relegada a segundo plano, pois “quando tudo voltar ao normal”, o que, como foi visto no início, não ocorrerá. A segunda pergunta é respondida em torno da pergunta de De Certau (2000), o espaço é composto pelos tipos de histórias que realizamos diariamente com base em nossas ações, e ao mesmo tempo o espaço é configurado por movimentos e direções sobre as quais os atores configuram, as práticas e os tempos que os atores alocam nos espaços diários para gerar simbolismo e rotinas; como vimos na primeira questão, os espaços de troca simbólica são afetados por um novo ato individual, que transmuta a vida cotidiana anterior, recria uma nova vida cotidiana e gera novas formas de apropriação do mundo em relação à sua interpretação, bem como a outra, o uso obrigatório de máscaras limita a capacidade do observador de se relacionar com o outro, de modo que houve novas manifestações para interpretar ações individuais entre vários atores sociais, uma vez que é impossível ver a maior parte do rosto, os movimentos do corpo se tornaram uma nova maneira de transmitir informações, troca simbólica entre atores.

Esse novo cotidiano convida o ator a se reinterpretar em suas ações sociais, como exemplo, as novas configurações de conquista do amor, se o rosto não é visto, o que pode ser visto para distinguir uma atração entre os atores? A mesma pergunta inquieta o leitor de dita a ação, mas também revela novas formas de comunicação interpessoal, o tempo previsto para uma ação antes, durante e depois da crise também será atingido, mas esse cotidiano nos leva a novas formas culturais, interpretações de um certo ator, na frente de seu ambiente e o outro, será realizado de



PAINEL CIENTÍFICO DE ACOMPANHAMENTO DA CRISE

maneiras diferentes. A própria cultura mudará para uma nova interpretação da realidade em que somos forçados a entrar.

Referências

DE CERTEAU, M. (2000). **La invención de lo cotidiano: I. Artes de Hacer.** (A. Pescador, Trad.) Instituto Tecnológicos y de Estudios Superiores de Occidente A.C. Mexico D.F.

ECHEVERRÍA, B. (2010). De la academia a la bohemia y más allá. In: B. Echeverría. **Modernidad y blanquitud.** Era S.A. (págs. 115-133). Mexico D.F.

ZULAICA P., F. (2020) **Mercados y vías fluviales:** el Ebro como eje organizador del territorio e integrador de la economía aragonesa en los circuitos europeos. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=108499>.